

ANTUNES, Benedito; FERREIRA, Sandra (Orgs.). **50 anos depois** – Estudos literários no Brasil contemporâneo. 1ª ed. São Paulo: Editora UNESP. 2014. 288 p.

Fabiano Rodrigo da Silva SANTOS*

Dado o caráter fugidio e incerto de tudo o que é contemporâneo, o estabelecimento de um mirante que permita a avaliação do fenômeno literário atual se oferece como um grande desafio à consciência crítica e combustível para debates e divergências. Só se pode contemplar a literatura do presente com perplexidade; trata-se de um objeto que conta com os contornos incertos dos corpos que se movimentam e que, por estarem próximos, ainda se mostram refratários a qualquer olhar totalizante – em pleno trânsito, essa literatura não conta com o arrimo do distanciamento histórico e com a ilusão de estabilidade que os fenômenos contemplados ao longe emanam. Sobre ela não pesa uma aura canônica que a atraia ao solo dos juízos definitivos; ao contrário, ela compartilha conosco, indivíduos de nosso tempo, a maleabilidade própria do que é dinâmico e, com isso, desperta o temor, também nosso, diante da transitoriedade – como antídoto a essa constatação a crítica literária aventa algumas questões: Quais seriam os critérios para avaliar tal literatura? Qual é sua identidade? Como ela se relaciona com a história? A demanda por categorias que respondam a tais questionamentos parece encerrar um esforço de permanência: desvendar as tônicas do fenômeno literário recente seria uma forma de assegurar sua inserção na história, salvá-lo do trânsito do tempo e, quem sabe, comunicar-lhe uma parcela daquela promessa de eternidade que a entidade do cânone almeja. É nesse ponto que a história se oferece como referência e a lição do passado alenta os ímpetos incertos do presente.

Com efeito, a tentativa de descortinar os imprecisos fenômenos da literatura do presente valendo-se da recuperação da trajetória dos Estudos Literários no Brasil parece residir junto aos propósitos da obra *50 anos depois* – Estudos literários no Brasil contemporâneo, organizada por Benedito Antunes e Sandra Ferreira, professores da UNESP, Campus de Assis. O livro é produto dos trabalhos apresentados no 11º Seminário de Estudos literários, realizado na UNESP, Campus de Assis em outubro de 2012. Evento esse dedicado a rememorar outro, gravado na memória da instituição e importante para o delineamento dos estudos literários brasileiros como os conhecemos hoje – o 2º Congresso Brasileiro de Crítica e História Literária, ocorrido na cidade de Assis, na antiga FAFIA (Faculdade de Filosofia Ciências e Letras), matriz da atual Faculdade de Ciências e Letras

* Professor Doutor - Departamento de Literatura - Faculdade de Ciências e Letras – Unesp – Univ. Estadual Paulista, Campus de Assis. – Av. Dom Antonio, 2100, CEP: 19806-900, Assis, São Paulo – Brasil. E-mail: fsantos@assis.unesp.br

da UNESP, localizada na mesma cidade. A publicação de *50 anos depois* – Estudos literários no Brasil contemporâneo não possui importância apenas local (por sua comemoração do nascimento da instituição), mas, como dito, para a história dos estudos literários brasileiros como um todo, pois o evento homenageado pelo congresso de 2012 e, conseqüentemente, pelo livro, corresponde a um acontecimento de ressonância para a vida intelectual brasileira; como lembra o professor Carlos Erivany Fantinati no trabalho intitulado “Uma Leitura do Segundo Congresso Brasileiro de Crítica e História Literária” (que integra *50 anos depois*), estiveram presentes em Assis personalidades referência para a crítica literária brasileira, tais como Antonio Candido (que ao lado dos intelectuais portugueses, então exilados no Brasil, Antônio Soares Amora – diretor da faculdade àquela tempo – e Jorge de Sena, organizador do evento), poetas e críticos como Affonso Romano de Sant’Anna, Afonso Ávila, Anatol Rosenfeld, Antônio Lázaro de Almeida Prado, Benedito Nunes, Décio de Almeida Prado, Décio Pignatari, os irmãos Augusto e Haroldo de Campos, João Alexandre Barbosa, Roberto Schwarz, Wilson Martins, entre tantos outros que, se já não constituíam, vieram a constituir (muitos desses, àquela altura eram jovens em início de carreira) a plêiade dos Estudos Literários no Brasil.

A simples menção a tais nomes comunica a dimensão do evento e sugere o grau de ressonância dos debates lá efetuados, como atesta Fantinati em sua leitura do Congresso, as plenárias que constituíram a programação testemunharam a estreia de teses de Candido que nortearão ensaios célebres como *Literatura e Sociedade*; o “salto participante” da poesia concreta, anunciado por Décio Pignatari em seu polêmico trabalho “A situação Atual na Poesia do Brasil”, a primeira menção no Brasil aos formalistas russos Jakobson e Mukaroviski, por parte do crítico Bedrich Vlaclav, apenas para citar alguns exemplos expressivos. Com efeito, lembra Fantinati, os dois principais polos em torno dos quais orbitam a crítica brasileira desde os anos de 1961 até muito recentemente (senão até hoje), representados pela atenção à literatura aberta ao fenômeno social e pelas tendências imanentistas (formalistas, estruturalistas, concretas) de interpretação literária, já se relacionavam dialeticamente nos debates que constituíram o Congresso.

Um olhar superficial sobre *50 anos depois* – Estudos literários no Brasil contemporâneo já permite a constatação do diálogo íntimo entre o congresso de 1961 e a proposta de Seminário de 2012; de imediato há indícios que se permita dizer, sem risco de exageros, que o livro concentra uma vasta galeria de nomes ilustres dos estudos literários de nossos dias, intelectuais que desempenham importância para o atual contexto equivalente a que os participantes do evento homenageado representavam em sua época ou viriam a representar nos anos que imediatamente a sucederam: além de ser abrilhantado pela presença de algumas das testemunhas e protagonistas do 2º Congresso Brasileiro de Crítica e História Literária, como Antonio Candido, Affonso Romano de Sant’Anna, Carlos

Felipe Moisés, Carlos Erivany Fantinati e Antônio Lázaro de Almeida Prado, o volume ainda conta com trabalhos de críticos e escritores expoentes junto à intelectualidade brasileira de hoje: Italo Moriconi, Paulo Franchetti, Miguel Sanches Neto, João Silvério Trevisan, Luís Bueno, Sérgio Vicente Motta, Carlos Alexandre Baumgarten. Não se pode esquecer, é claro, dos próprios organizadores, Benedito Antunes e Sandra Ferreira, esta, aliás, autora, do ensaio que fecha a obra com uma comovente reconstrução da poética do circunstancial colhida junto aos esparsos registros fotográficos do evento, em flagrante esforço de revigorar a memória do 2º Congresso Brasileiro de Crítica e História Literária.

Afastado cerca de 50 anos do 2º Congresso, o livro organizado por Benedito Antunes e Sandra Ferreira revisita não apenas os debates que nortearam o evento homenageado – os quais, grosso modo, atestam o processo de formação da identidade da crítica literária brasileira –, mas também parece buscar extrair lições daqueles debates para o contexto presente. Daí a obra ser dividida em duas partes: a primeira, intitulada “Estudos Literários”, é dedicada ao esforço de exegese da literatura contemporânea, e a segunda, “Memória do 2º Congresso de Crítica e História Literária”, reservada aos testemunhos e balanço do evento histórico.

A despeito da divisão da obra, um “espírito” em comum irmana as duas partes, revelando a organicidade do livro e, por extensão, o diálogo entre o 2º Congresso Brasileiro de Crítica e História Literária e 11º Seminário de Estudos Literários de 2012: o que se observa na obra são considerações sobre a literatura brasileira atual sensível aos 50 anos transcorridos desde o 2º Congresso. Tanto o contexto literário ao tempo do 2º Congresso como o presente parecem constituir objetos de difícil apreensão à crítica a eles contemporânea. Se no início dos anos de 1960 a literatura brasileira se apresentava como fenômeno carente de leituras especializadas em âmbito acadêmico e desafiador, como qualquer fenômeno concreto, de métodos avaliativos totalizadores (daí o debate entre os críticos de orientação social e os simpáticos ao imanentismo de teor estruturalista que marcaram o evento de 1961), no século XXI, forças como a tradição crítica (instituída a partir do trabalho de intelectuais como os que protagonizaram o 2º Congresso), as zonas de sombra projetadas sobre literatura atual (que desafia noções tradicionais de cânones, atesta o desenvolvimento de nossos suportes para difusão da obra literária e as diversas e novas identidades dos escritores) e a urgência em se entender esse fenômeno sob perspectiva histórica, parecem convergir entre si (e algumas se chocar) nas páginas enfeixadas pelo volume. Nessas páginas convivem considerações dedicadas à tarefa de apreensão de padrões que viabilizem a crítica à literatura contemporânea (como demonstra o trabalho “O intelectual e o turista: regionalismo e alteridade na tradição literária brasileira”, de Luis Bueno ou “Notas sobre poesia e crítica de poesia”, de Paulo Franchetti); testemunhos revisionistas, avaliativos e atestados de experiência de intelectuais comprometidos com a

atividade literária (como os trabalhos dos escritores Affonso Romano de Sant’Anna e João Silvério Trevisan) e análises de obras e de fenômenos pontuais que tragam notas das identidades e características da produção atual e sua relação com a tradição (o que se observa nos trabalhos de Italo Moriconi sobre os aspectos da produção poética do século XXI e nas análises de Sérgio Vicente Motta acerca da correspondência entre as estruturas da obra machadiana sensíveis ao fenômeno social e as de obras produzidas contemporaneamente).

Os textos que constituem *50 anos depois* – Estudos literários no Brasil contemporâneo refletem o caráter, por assim dizer, poliédrico da produção literária contemporânea, como tal, a obra apresenta uma diversidade de perspectivas para a avaliação do fenômeno literário recente, problematizando, por vezes, noções como atualidade e contemporaneidade: Affonso Romano de Sant’Anna faz uma revisão da história da poesia brasileira em 50 anos (história cujo delineamento conta com sua contribuição) e conclama a crítica atual a dar o testemunho de seu tempo; Carlos Felipe Moisés flexibiliza a noção de atual, libertando-a dos liames estreitos da urgência do presente, de modo a concluir que o atual, em poesia brasileira, reside, sobretudo, naqueles nomes clássicos de nossa poesia moderna que são altamente comunicáveis ao presente, como Drummond, Murilo Mendes e Bandeira; Italo Moriconi, por seu turno, se detém à difícil tarefa de buscar padrões que sugiram as características da poesia brasileira do século XXI, contemplando a produção mais imediatamente recente.

Com efeito, a primeira parte do livro, intitulada “Estudos Literários” oferece uma amostra das principais preocupações que envolvem os estudos literários contemporâneos, confrontadas com os fenômenos da literatura, da crítica e da pesquisa em literatura na atualidade; desse modo, pode-se dividir as considerações que constituem esse segmento da obra em três eixos de assuntos: as especificidades da literatura contemporânea a partir do enfoque de gêneros; os novos paradigmas da historiografia literária e a pesquisa em literatura.

Ao primeiro eixo de considerações pertencem “50 anos de poesia e/ou as ilusões perdidas”, de Affonso Romano de Sant’Anna, “A poesia brasileira contemporânea”, de Carlos Felipe Moisés, “Poesia e crítica, aqui e agora (ensaio de síntese e vocabulário)”, de Italo Moriconi e “Notas sobre poesia e crítica de poesia”, de Paulo Franchetti, trabalhos dedicados à poesia e a sua crítica e também os textos “Incentivem o romance”, de Miguel Sanches Neto, “O estandarte rubro da poesia e o realismo de mercado”, de João Silvério Trevisan, “O intelectual e o turista: regionalismo e alteridade na tradição literária brasileira”, de Luís Bueno e “A sombra de Machado de Assis na atualidade: estrutura social e perspectiva dialética”, de Sérgio Vicente Motta, ensaios que tecem considerações sobre ficção.

Ao segundo eixo corresponde “A renovação do estudo historiográfico brasileiro”, de Carlos Alexandre Baumgarten, texto que apresenta uma investigação sobre as atuais tendências da historiografia literária, materializadas em estudos e antologias que abandonam a pretensão ao objetivismo autoritário, adotando, em seu lugar, critérios reconhecidamente específicos e, por vezes, subjetivos, de modo a configurar uma forma de historiografia literária permeável ao relativo, ao aprofundamento de casos específicos e à abertura do cânone.

Por fim, o terceiro eixo é representado por “Pesquisa literária: permanência e transformação”, trabalho em que Carlos Erivany Fantinati revisita sua formação como docente e pesquisador e compara a forma de atuação do pesquisador em sua época de formação como professor universitário (entre os anos de 1961 e 1974) à atual. Em seu paralelo, Fantinati evidencia a diferença entre a dinâmica do “enclausuramento” e “permanente ineditismo” de sua época de formação, em que a pesquisa era realizada de maneira solitária e difundida apenas em exames finais, e o atual fenômeno de “compartilhamento” das pesquisas em seus vários estágios de realização; compartilhamento esse estimulado, sobretudo, pelas agências de fomento e que resvala em uma outra dinâmica, definida por Fantinati como: “paradoxal ineditismo da prerrogativa da publicidade”, segundo a qual, graças às pressões por se divulgar resultados e pautar a realização científica em números, trabalhos em constante devir se oferecem ao público sem o necessário amadurecimento.

Além de tais reflexões sobre os dois momentos da pesquisa científica, Fantinati sugere uma interessante correspondência entre o desenvolvimento das etapas de pesquisa na composição de projetos, centrada no problema de pesquisa e cujo desdobramento a ele reage, e mecanismos de interpretação das tramas da intriga nos textos de ficção (entre seus exemplos está o sistema de interpretação de Yves Reuter, exposto em *A análise da narrativa*), desenvolvidas em torno da complicação.

Enquanto a primeira parte do livro orbita em torno de preocupações com a historicização do estado atual dos estudos e da produção literária no Brasil, a segunda parte, intitulada “Memória do 2º Congresso de Crítica e História Literária” explicita o que podemos chamar de “pulsão anímica” do 11º Seminário de Estudos Literários de 2012 e de *50 anos depois – Estudos literários no Brasil contemporâneo*, obra dele oriunda. Aqui estão dispostos os textos “A organização do 2º Congresso”, de Antonio Candido; “A faculdade de Ciências e Letras de Assis e o 2º Congresso Brasileiro de Crítica e História Literária”, de Antônio Lázaro de Almeida Prado; “A revisão tipográfica dos anais do 2º Congresso”, de Carlos Felipe Moisés; “Uma leitura do ‘Segundo Congresso Brasileiro de Crítica e História Literária’”, de Carlos Erivany Fantinati e “O tempo cortado – imagens do 2º Congresso Brasileiro de Crítica e História Literária”, de Sandra Ferreira. Nesse segmento do livro, o 2º

Congresso é revisitado por meio de testemunhos, memórias e registros textuais e fotográficos, oferecendo-se como fragmentos de memória afetiva e material a serem recompostos em um mosaico que traduza a dimensão do evento e sua importância para os estudos literários brasileiros. Aqui, as tensões entre trânsito e permanência, a lição do passado e a sensação de nostalgia ganham o terreno das páginas. Desde a autoridade serena do testemunho de Candido, passando pelas comoventes evocações de Carlos Felipe Moisés e chegando ao esforço de Sandra Ferreira de conferir unidade à memória dispersa nos registros fotográficos por uma perspectiva poética reintegradora, observa-se um movimento de resgate que soa, inevitavelmente, como auspícios do presente. Na leitura dessas páginas têm-se a impressão de que o livro fecha-se num ciclo, pois as preocupações que ocuparam os intelectuais da primeira parte da obra parecem ecoar os debates lembrados e, de algum modo, revitalizados por essa parte do livro. Em outras palavras, na segunda parte de *50 anos depois* – Estudos literários no Brasil contemporâneo, fica evidente a contribuição do contexto que viu surgir o 2º Congresso Brasileiro de Crítica e Historiografia Literária como sólida pedra de fundação do edifício dos estudos literários em nosso país.

50 anos depois: Estudos literários no Brasil contemporâneo não corresponde apenas a uma publicação oportuna para o fornecimento de referências ao estudo da história da literatura e dos estudos literários hodiernos (o que, aliás, já é muito), mas também insere os debates sobre a literatura atual no âmbito de uma tradição cujo entendimento lança luz sobre o contexto presente, historiciza-o e atende à necessidade, muitas vezes pouco manifesta, de se depreender parâmetros para a interpretação da identidade dos estudos literários em nosso país, identidade essa construída ao sabor de urgências, adversidades e alimentada por muitos debates.

Os trabalhos que compõem o livro de Benedito Antunes e Sandra Ferreira parecem não se limitar à atuação que se espera de uma coletânea de ensaios acadêmicos, a saber, a de fornecer subsídios ao trabalho científico, mais que isso, despertam um senso de pertencimento que acolhe estudantes, professores e intelectuais do presente, ajudando-os a pensar a história de nosso tempo sob amparo da lição de nossos mestres; lição essa muitas vezes silenciada nos “limbos” (a expressão é de Fantinati) para os quais alguns registros preciosos do passado (como os esquecidos anais e as fotografias do 2º Congresso), são relegados, em prejuízo à compreensão de nosso próprio tempo. *50 anos depois*: Estudos literários no Brasil contemporâneo tem o mérito, pois, de convidar ao debate sobre a atual condição dos estudos literários e da literatura no Brasil, vozes do passado e restituir aos estudiosos de literatura do presente uma parcela inestimável de sua identidade.

Recebido em 10/5/2015

Aprovado em 15/5/2015